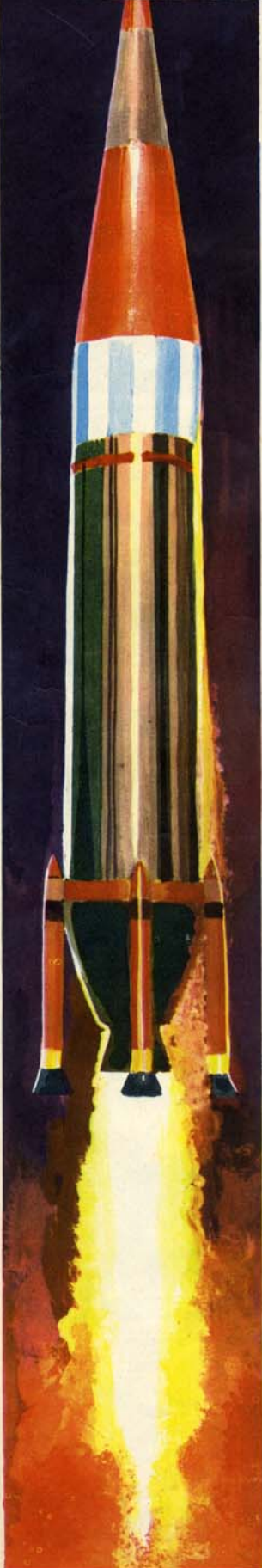


# FOGUETÃO

SEMANÁRIO JUVENIL PARA O ANO 2000



## O PLANETA DESCONHECIDO

EU NÃO LHES CHAMARIA PROJECTEIS, MAS SATELITES ARTIFICIAIS!

O QUE? DESSE TAMANHO?

QUEM SABE? VEJAM COMO O INTERIOR ESTÁ DIVIDIDO!

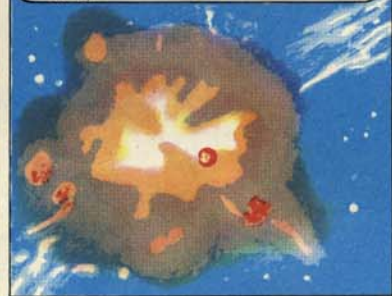
EXACTO! VEJAM AGORA ESTE FILME, TIRADO HÁ UMAS HORAS! TRATA-SE DE UM SISTEMA SOLAR COMPLETO, OCUPANDO MENOS ESPAÇO QUE A NOSSA LUA!

TALVEZ TIVÉSSEMOS ENCONTRADO UMA FORMAÇÃO DESTAS NAVES-ROBOTS, QUE SE DIRIGIAM A QUALQUER DESSES MINÚSCULOS PLANETAS!

OU TALVEZ SE TRATE DE PROJECTEIS DISPARADOS HÁ MILHÕES DE ANOS, DURANTE ALGUMA GUERRA INTERPLANETÁRIA...



OU AINDA DE INSTRUMENTOS PERTENCENTES A QUALQUER SISTEMA SOLAR, CUJO SOL TENHA EXPLODIDO PROJECTANDO-OS NO ESPAÇO A DERIVA! NUNCA SABEREMOS AO CERTO!



O UNIVERSO É TÃO VASTO QUE SÓ NOS PODEMOS APERCEBER DE UMA FRACÇÃO MÍNIMA DO QUE ACONTECE À NÓSSA VOLTA!

DR. GALILEU!

ESTAMOS A CHEGAR, DOCTOR! REGISTAMOS JÁ A ACÇÃO DA GRAVIDADE DO PLANETA TERRA 2 E CONSEGUIMOS ALGUMAS IMAGENS DA SUA SUPERFÍCIE!

ÓPTIMO! LIQUEM-NOS PARA AQUI!

ESTOU DESEJANDO-AS!

O NOSSO OBJECTIVO - TERRA 2! VEJAM AS LUAS DO PLANETA!

ESPEREM! O QUE É AQUILO QUE SE VÊ NO CANTO ESQUERDO DO ECRA?

QUAL É A SUA OPINIÃO, DR. GALILEU?

DIR-SE-IA UM FOGUETÃO ABANDONADO QUE ENTROU EM ORBITA...

ATRAVÉS DO VIDRO TELA, TODOS ADMIRAM O INESPERADO ESPECTÁCULO!

CONCENTREM A IMAGEM NA ÁREA A-4! CEUS! É O EXPLORADOR!

A ASTRONAVE EM QUE O PAI DO CAPITÃO MARTE PARTIU PARA TERRA 2? HÁ TRINTA ANOS?!

E EM QUE VIA JAVA TAMBÉM MEU IRMÃO DEIMOS!

DR. GALILEU! APROXIMEMO-NOS MAIS DA NAVE! EU VOU ABORDA-LA!

CAPITÃO! CUIDADO, NÃO ENCONTRE ALGUM ESPECTÁCULO INDESEJÁVEL!



# A LIÇÃO DE CAMÕES

O PAÍS INTEIRO CELEBRA DEPOIS DE AMANHÃ O «DIA DE PORTUGAL». ENTENDEU-SE, E MUITO BEM, QUE NENHUM DIA PODIA SER MAIS INDICADO PARA DIA DA NACIONALIDADE DO QUE AQUELE EM QUE SE COMEMORA LUÍS DE CAMÕES. O AUTOR DE «OS LUSÍADAS» FOI GUERREIRO, ALÉM DE POETA. SEMPRE DE OLHOS NA PÁTRIA, TRAZIA, COMO ELE ESCREVEU, A ESPADA NUMA DAS MÃOS E NA OUTRA A PENHA. E FOI EM DEFESA DE PORTUGAL QUE PERDEU UM DOS OLHOS.

DIZEM QUE OS TEMPOS MUDARAM. MAS A LIÇÃO DE CAMÕES PERMANECE INALTERÁVEL, NO QUE ELA TEM DE EXALTAÇÃO DAS VIRTUDES QUE NOS FIZERAM GRANDES.

Robt Chape



# OS caminhos da RADIO E TELEVISÃO

Quando passeio pelas ruas da Baixa e paro junto das montras das lojas de brinquedos sinto com alegria como são felizes os jovens de hoje.

Vocês sabem que no meu tempo de rapaz, há já algumas dezenas de anos, não havia brinquedos como os de agora? Tudo se modificou muito. Quando eu tinha os meus sete anos, além de uns comboios de folha, de triclicos, de bonecos de celuloide e soldadinhos de chumbo, pouco mais havia para brincar.

No pátio da escola ou na rua os nossos jogos favoritos eram a «macaca», o berlinde ou «carolo» como dizem no norte de Portugal, ou ainda o pião. Agora não; agora há tantos brinquedos... tantos...

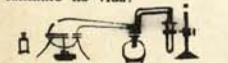
Que pena eu tenho de não ser rapaz para poder, como vocês, brincar com todo esse mundo maravilhoso que as fábricas de brinquedos lhes oferecem agora...



Há dias verifiquei que, numa dessas montras de divertimentos infantis, havia ao lado dum pequeno laboratório de química uma bela oficina de material eléctrico, em miniatura.

Lembrei-me então de que a mocidade de hoje começa a brincar com coisas «sérias»... e ainda bem!...

A brincar, vocês vão tomando contacto com matérias que, no futuro, lhes podem facilitar os estudos e, quem sabe, até, se lhes indicarem um caminho na vida!



A propósito, querem saber como é que eu me dediquei à Rádio?

Foi assim, muito simples!... Tinha eu 15 anos, ainda o cinema não era sonoro.

No teatro da minha terra, uma sala de espectáculos pequenina, de aldeia, havia uma grafonola eléctrica e alguns discos.

Todos os Domingos havia Animatógrafo — nome que se dava ao cinema antigamente — e as fitas eram mudas.

Um dia — porque já se falava que na América iam fazer

cinema sonoro — lembrei-me de tentar uma experiência:

— E se eu escolhesse uns discos com umas músicas que se adaptassem às películas que se iam exhibir, o espectáculo não ficaria com mais interesse?

Se bem o pensei, melhor o fiz! À noite foi uma surpresa para os espectadores habituados ao silêncio.

O espectáculo, que até então tinha sido mudo, nessa sessão teve música adequada, e o certo é que o caso foi falado e aplaudido.

Como devem calcular, fiquei contentíssimo com o êxito e, a partir desse dia — ou melhor dessa noite —, todos os Domingos lá ia eu para o Animatógrafo «brincar» com os discos e «pick-ups».



Poucos meses depois, surgiu-me a oportunidade de ir como locutor para o Rádio Club Português, que os pais de vocês conheceram pelo CTIGL da Parede. Uma vez

ali, juntei ao trabalho de locução para que fui contratado, o meu enorme desejo de fazer montagens sonoras em rádio.



Sabem o que é uma montagem sonora? Não sabem? Pois bem! Aqui nesta nova secção do «Fogueteão» passarei a falar de assuntos de Rádio e Televisão, de forma a todos compreenderem e até se interessarem pelo que se passa nos bastidores dos estúdios.

Prometo-lhes ser simples e o mais explícito possível; e, para já, fico à inteira disposição de todos para qualquer informação ou conselho, sobre estas duas matérias: Rádio e Televisão!...

E até breve!



# OS NOSSOS CONCURSOS

Conforme prometemos, concluímos hoje a publicação da lista dos classificados no nosso primeiro concurso. Damos apenas os nomes dos que obtiveram classificação superior a 9 pontos, o que não quer dizer, de maneira alguma, que os restantes concorrentes — cuja pontuação se encontra também devidamente registada no ficheiro destes concursos — não venham ainda a melhorar notavelmente de posição. Tudo depende do resultado dos outros concursos semanais do mês de Maio — daquilo que se pode chamar as «etapas» desta grande corrida para a primeira Medalha de Prata do «Fogueteão»:

## CLASSIFICADOS COM 16 PONTOS:

Inspector Yard, José Maria Santos de Oliveira Machado, Paulo Martins Lino Torres, Joaquim Rui de Sá Dias, João do Nascimento, Luís Pedro Marques Ribeiro Reis, Jaime Queimado, Gilberto de Oliveira, Rui Malhoa do Amaral e Santos, Nuno Chambers de Campos, Fernando Franco de Almeida, Isaura Osório, António Ernesto S. Correia, João Manuel Branco Lito, Oscar Manuel, Luís Filipe Ataide Rodrigues Dias, Juve, Alberto Arons de

Carvalho, Jorge Alves V. Pires, José Manuel Torres Miguens, Luís Manuel Silva, Jorge Manuel Dias, João Rosa Sá, Carlos João Oliveira, Piloto Vilar, João Mourão Gomes, Carlos Henriques, Jorge Magalhães, Pedro Duarte Rodrigues, Vítor Manuel dos Santos, Carlos Alberto dos Santos Shirley Possolo, João Wemans, Vítor Manuel Duarte Torres, Joaquim António, Luís Amadeu Barradas do Amaral, António Alberto Rodrigues, Abílio de Sousa Brandão, Henrique Garcia, António de Barros Luna Guerreiro, Luís Vaz, Clara Pessoa, O Terceiro Homem e Eduardo Luís das Neves Cardão.

## CLASSIFICADOS COM 15 PONTOS:

Rui Valentim Lima Campos, Mário Gabriel Bonito, António Faria Cardoso Lima, Joaquim Correia Silva, José Ricardo Botas, Vítor Dias Silva, José Soares de Almeida Ribeiro, Vasco Azevedo Moura, Falcão, Vítor Manuel Mateus Gomes, Maria José Santos Guimarães, Manuel José Cordeiro Ferro, David Castro Dias, Tito Cardoso Cunha, Eduardo Mário Sousa Pereira, Mário Armando Costa Pinheiro, Mário Nunes Santos, Carlos José Andias Carvalho, Manuel Branco Lisboa, Sérgio Neves Correia, Carlos António Marques Silva, Maria Beatriz Rodrigues Correia, Alfredo José Seabra Pereira de Costa, Luciano Seabra Pereira da Costa, José Augusto Mendonça, João Seabra, Carlos Alberto Zany Pampulim, Basílio José Santos Martins, A. H. de Oliveira, Vasco Geraldes, Arnaldo M. Nazaré, Carlos Eduardo Valgado, José António Viana, Armando Ângelo Calado, Luís Alberto Gouveia Monteiro Forte, Rui Manuel Fernandes Alto e Nelson de Melo Oliveira.

## CLASSIFICADOS COM 14 PONTOS:

José Manuel Marques, José Manuel G. de Oliveira, António José Portela Duarte, Carlos Manuel Andrade Matos, Carlos Jorge, Rui Alberto Cavaca Marcos, João Manuel Carreira, The King, João Francisco Viegas Rosa, Manuel José Benavente Rodrigues, Rui Carlos Correia Vieira, José Manuel Luelmo, Fernando Martins Henriques, Alfredo Manuel Carvalho dos Santos, Ernesto Vítor Marques

Lobo, Maria Margarida Guedes de Campos Salvado Pina, António José Correia Lopes, António Manuel Tavares de Figueiredo e Silva, Mário Vasco Canhão Paixão, Guilherme Dinis Moreno da Silva Arroz, Pedro Dário Valente de Almeida, Luís de C. Santos, João Paulo Póvoas Bento de Almeida, Manuel Vasconcelos, Manuel Alberto da Silva, Lúcio Manuel Mendes de Carvalho Coelho e Pedro Laranjeira.

## CLASSIFICADOS COM 13 PONTOS:

João Luís Soares Caramelo, Vítor Alberto Carvalho, Celso José Marques da Costa, Gabriel Jorge Mendonça de Moura Leite, João de Passos Fonseca Vieira, Amândio António Sousa da Cunha, Agente K 1, Miguel Frederico Mendonça de Moura Leite, Sílvio José Azevedo Nora, João Duarte Almeida Vicente, Sérgio Figueira, Fernando Augusto P. Panão, Manuel Carlos C. Lopes, António Artur Tavares de Lemos, Pedro Coral Costa, Luís António Branco de Pinho Lopes e Joaquim Ferreira de Almeida.

## CLASSIFICADOS COM 12 PONTOS:

Matias Rodrigues de Oliveira, Filipe Simões de Moraes Sarmiento, José Luís Mendes Pinheiro Veloso, Pedro J. Rodrigues Sobrinho e Pedro Duarte.

## CLASSIFICADOS COM 11 PONTOS:

Joaquim Luís Fino de Brito e João Reis Soares Franco.

## CLASSIFICADOS COM 10 PONTOS:

Alberto Bernardes Costa, José Manuel Cipriano de Ramos Rosa, José António dos Santos Ribeiro Lopes, Abílio António Rezende Figueiredo Pimenta, Álvaro Henriques Martins, Vítor Manuel Jorge, Francisco José de Melo Rodrigues Vitorino, Ana Maria Freireira, João Dias Matias, Vinício S. C. Carvalho, Luís Fernando Casanova Ramalho Guerra, Jorge Alexandre Brito Sequeira Carvalho, Jorge Manuel Godinho Moreno e Lhego Gido.

# Joe Corumenta em O RAPTO DA CIENTISTA



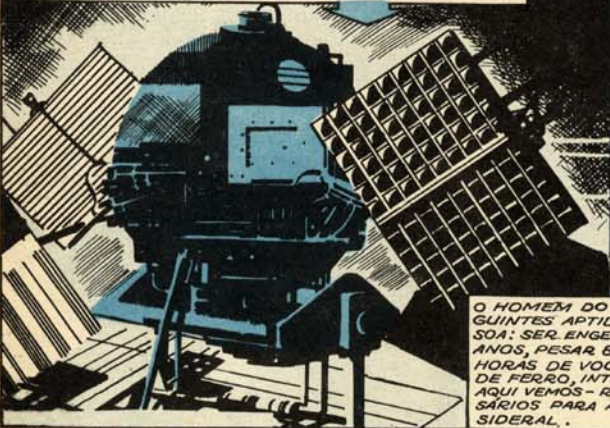
# FOGUETÃO

## SEMANÁRIO JUVENIL

DIRECTOR: ADOLFO SIMÕES MULLER

Editor: M. M. Motta Cardoso — Propriedade da E. N. P. — Redacção e Administração: Avenida da Liberdade, 266 — Composto e Impresso nas oficinas gráficas do Anuário Comercial de Portugal

"PADDLEWHEEL" É O NOME DE UM SATÉLITE LANÇADO HA TEMPOS PELOS AMERICANOS COM PLENO ÊXITO. FOI TAMBÉM O PRIMEIRO LABORATÓRIO ESPACIAL, PELA GRANDE QUANTIDADE DE APARELHOS QUE LÉVAVA, DESTINADOS A TRANSMITIR INFORMAÇÕES. O SEU NOME SIGNIFICA "RODA COM PÁS", POIS O APARELHO É DOTADO DE QUATRO PÁS OU HÉLICES, COM CÉLULAS SOLARES QUE CARREGAM POR SI PRÓPRIAS AS BATERIAS.



O HOMEM DO ESPAÇO PRECISA DE POSSUIR AS SEGUINTESS APTIDÕES: DIFICIL DE REUNIR NUMA SO PESSOA: SER ENGENHEIRO OU FISICO, TER ENTRE 32 E 37 ANOS, PESAR 80 KUILOS, CONTAR MAIS DE 1.500 HORAS DE VOO MILITAR E TER, ALÉM DE UMA SAÚDE DE FERRO, INTELIGENCIA RAPIDA. JOHN H. GLENN-QUE AQUI VEMOS- REUNE TODOS OS REQUISITOS NECESÁRIOS PARA A PRIMEIRA VIAGEM NO ESPAÇO SIDERAL.

Jornal de Ontem

OS PERSAS E O DELTA DO NILO



Pelusa (Egipto), 525 (A. C.).

Nos combates que acabam de dar-se nas proximidades desta cidade, situada no delta do Nilo, os persas foram favorecidos pelo deus da guerra. As consequências da derrota sofrida podem ser desastrosas para os egípcios, cujas forças foram esmagadas pelo exército invasor, comandado por Cambises, filho do rei Ciro. O soberano egípcio, Psamético III, morreu no campo de batalha, sem ter tido sequer oportunidade para se distinguir. Os persas dominam agora todo o conjunto do delta, a região mais próspera do Nilo, e não é difícil vaticinar que, após tão fácil vitória, todo o resto do país lhes caia nas mãos. Segundo se diz em certos meios, a invasão podia ter sido prevista e evitada e não se compreende

o motivo por que Psamético III não tomou as medidas que se impunham. Seja qual for a explicação, a verdade é que, como resultado imediato deste desastre militar, o Egipto passa à categoria de província persa, visto que em nenhum outro ponto do país será possível opor ao inimigo uma resistência séria e eficaz. Lembremos a propósito que os persas, embora tolerantes e generosos, são adversários implacáveis e encarniçados até terem obtido a ambicionada vitória. Mal vai ao Egipto, que não lhes soube resistir a tempo! Os persas utilizam grande variedade de novas armas. A ilustração mostra-nos os arcos dos soldados de infantaria e um carro de guerra.

Michel TANGUY *em* CÉU DE GLÓRIA



UM PRÍNCIPE INDU FUNDA UMA NOVA RELIGIÃO



Ellora (India), 526 (A. C.). O príncipe Gautama acaba de fundar uma religião, o Budismo, como reacção contra os excessos sociais e religiosos do Bramanismo. Nos meios bem informados, pensa-se que tal religião não substituirá as práticas actuais, mas que as fará evoluir. Os dogmas indianos são expostos nos Vedas, livros sagrados da religião bráhmica, redigidos há cerca de 1 400 anos e cuja crença fundamental se baseia num ser desconhecido mas real, omnipotente, omnipotente, creador, protector e destruidor do Universo. Esse Ser Supremo Invisível manifesta-se sob três formas: Brahma, o Criador, Vishnu, o Protector, e Civa, o Destruidor. O culto da nova religião é celebrado em templos tallados na rocha e em grutas ornadas de esculturas e de inscrições.

MORREU O REI CIRO



Pasargada, 530. Ciro, o famoso rei da Pérsia, deixou de existir. Foi ferido mortalmente quando conduzia os seus homens à batalha, morte bem digna do grande guerreiro que foi. A frente dos seus exércitos, Ciro estava repellido as hordas que perturbavam a nossa fronteira oriental. Todo o povo persa, unido no mesmo fervor, está a contribuir para elevar ao seu chefe um túmulo esplêndido que estará pronto para recolher o corpo do soberano quando o cortejo chegar da fronteira. Obcecado ao último desejo de Ciro, no mármore do monumento funerário será gravada esta simples e tocante legenda: "Tu que passas, quem quer que sejas De onde quer que venhas (e sei que virás)! Eu sou Ciro e fundei o império dos Persas Não me recuses o pouco de terra Que cobre o meu corpo. O grande soberano deixa no seu povo a recordação de um homem dotado do sentido da vaidade das coisas humanas."

JORNAL de AMANHA

O SARÁ COMEÇA A TRANSFORMAR-SE NUM JARDIM

Sará, 1992. Há cinquenta anos atrás parecia quase impossível que um deserto pudesse transformar-se numa região fértil e habitada. No entanto, esse sonho começou a tornar-se realidade. Os geólogos sabiam que um verdadeiro mar subterrâneo se estendia a grande profundidade sob o Sará e que, se fosse possível perfurar a camada de areia e de rocha, a água subiria à superfície. Esse mar formou-se de todas as águas das chuvas que há milhares de anos eram absorvidas pelas areias do deserto e depositadas numa espécie de gigantesca bacia subterrânea com 60 000 quilómetros quadrados de superfície. Como se calcula, tal reservatório natural contém água mais do que suficiente para fertilizar todo o deserto. Pois os trabalhos para tal fim que foram iniciados há anos, vão bastante adiantados e água dos poços que começam a surgir por

todo o Sará já pouco a pouco transformando o mais famoso deserto do mundo num verdadeiro jardim. Calcula-se que, sabiamente utilizada, essa água dará para dez mil anos. Ao mesmo tempo, as areias têm sido cobertas de uma espécie de película sólida, o que se obtém regando-as com um sub-produto do petróleo, de preço relativamente acessível. Esta emulsão betuminosa, que forma crosta à superfície da areia, possui notáveis propriedades: deixa penetrar facilmente a humidade, mas não permite a evaporação rápida e é tão fértil como uma terra bem estrumada, motivo porque já se iniciaram as sementeiras. Também as experiências para transformar a água salgada em água doce começam a dar os primeiros resultados positivos. E, assim, irrigado pelo seu mar subterrâneo e pela água do mar tornada doce, o Sará vai a caminho de se transformar num verdadeiro jardim.



# O ENIGMA CHINÊS

Romance de YVES DUVAL  
Ilustrações de EDOUARD AIDANS

UM GRANDE ROMANCE DE MISTÉRIO E AVENTURA

## CAMINHO IMPEDIDO

Antes que Buster Webb voltasse a si da surpresa, três balas foram cravar-se no tejadilho da cabina, depois de terem estilhaçado o pára-brisa. O rapaz parou e saltou para o chão.

— Mãos ao ar! — gritou-lhe um homem mantendo-o em respeito, de pistola em punho, enquanto um segundo indivíduo lhe apalpava as algibeiras. Este último em breve descobriu sob o búsio de Webb a caixa entregue pelo Dr. Rossetti. Lá de dentro tirou o Buda e, pegando na cabeça do ídolo, entre o polegar e o indicador, desatarraxou-o pelo pescoço.

— Claro desapareceu... — resmungou o homem — Vamos, dá-nos depressa o microfilme!

— Mas, juro-lhe que não compreendo nada de nada! — exclamou Webb. — Ignorava que a estatueta fosse oca e que pudesse conter qualquer coisa.

— Decididamente tens muito jeito para representar de inocente! — respondeu o outro. — Mas conosco, meu velho, não pega!

— Eh! — gritou nesse momento o segundo bandido. — Polícia de Trânsito! Atenção, Jim!



Meteu precipitadamente a arma na algibeira e ambos saltaram para o carro negro, que um instante mais tarde desaparecia pelo atalho de onde havia surgido.

De facto, pela estrada cinzenta chegavam dois agentes de moto.

— Avaria? — perguntou um deles, parando junto do camião.

— Não... — respondeu Webb, escondendo o Buda que acabava de apanhar. — Mas estive prestes a sofrer um estúpido acidente. Um doído ao volante de um carro de luxo desembocou dali e corta-me a passagem, mesmo em frente do hariz. Mal tive tempo de encostar aqui, para não atirar com ele pelos ares.

— Esta terra está cheia de motoristas de domingo! Parabens pelos seus reflexos, rapaz!

E os dois polícias partiram de novo com um ruído ensurdecedor.

— Ah! Cães, mil vezes cães! — rugiu Webb, enquanto tomava lugar na cabina. — Estou lindo! Agora que sei o verdadeiro interesse que representava o Buda, não posso levar a Igor este ídolo vazio. Era decerto o conteúdo que ele esperava...

No momento em que ia pôr o motor a trabalhar, ouviu atrás de si um punho vigoroso bater na cabina. Desligou o motor, saltou de novo para o chão e, contornando o veículo, levantou a lona que cobria a rectangular. Em pé no camião, tendo ainda na mão a cobertura com que se ocultara, o cavalheiro de maxila de buldogue olhava-o com um sorriso.

— Outra vez você! — exclamou Buster. — Que demónio faz aí? Quer, finalmente, explicar-me a razão por que desde ontem me segue como uma sombra?

— Devagar! Acalma-te! — respondeu o outro. — Fica sabendo que sou o melhor amigo de Igor. Demasiado conhecido pelos homens do bando para me poder mostrar em pleno dia, não tenho deixado de te ajudar na sombra...

— Isso é que falta provar! — cortou seccamente o rapaz.

— Aqui tens a prova: o microfilme! Estava na minha algibeira. Fui eu que o retirei da estatueta antes que o Dr. Rossetti a fosse buscar. Se queres uma confirmação suplementar, dir-te-ei a senha destinada ao velho Forester para te entregar o ídolo: «Igor cumprimenta Buda». Não é isto? Estás agora convencido?

— Bom! Se temos a estatueta e o seu conteúdo, só nos resta voltar a Merrit...

— Estás no teu direito! Mas achas que ganhaste os 20.000 dólares? Porque, enfim, se eu não tivesse escondido comigo o microfilme, esses patifes teriam dado com ele quando desatarraxaram a cabeça do ídolo.

— É verdade! — concordou Webb. — Assim, é o senhor que merece a recompensa. Eu estive a trabalhar para a cidade...

— Escuta! Conheço muito bem Igor. É um homem generoso e imparcial. Está nas tuas mãos receberes o dinheiro que te prometeram. Para isso, basta que me ajudes a descobrir o verdadeiro chefe do perigoso bando que...

— É fácil! Posso dizer-lhe já quem é. É um tipo dos seus cinquenta anos, bem parecido, de cabelos grisalhos, com uns pés pequenos e delicados como os de uma bailarina. Esta manhã, quando me raptaram, pude observá-lo bem. Vestia um roupão cor de malva. Era capaz de o reconhecer entre mil...

— Esse é Nel Molsen, o director do «Variétés», um homem elegante, de maneiras aristocráticas. Não, não! Não é esse. Esse é apenas a fachada que esconde um terrível e misterioso agente internacional.

— Saindo de automóvel do hotel de onde fui raptado, talvez não fosse difícil descobrir a casa para onde me levaram após o rapto.

— Não quebras a cabeça. É em Molsperche, Flynstreet, 112. — Se o senhor sabe tudo isso melhor do que eu, não vejo como poderei ser-lhe útil... Peça à Polícia que os prenda...

— Seria a pior das soluções. Esses homens são hábeis e estão superiormente organizados. Aqueles que fossem presos não diriam uma palavra, pois bem sabem quanto isso lhes custaria. O único resultado seria o verdadeiro chefe volatilizar-se imediatamente. Pelo contrário, é preciso deixar agir os membros enquanto a cabeça não se desmascara. E, para que ela se desmascare, devemos estar alerta, montar armadilhas, deitar o isco. Por isso nos convém que estejam persuadidos de que és tu quem tem o microfilme...

— Compreendo — respondeu Buster. — Querem servir-se de mim como de um pedaço de queijo para atrair o rato à ratoeira.

— Ah! Ah! Vejo que não és tolo, meu rapaz!

— Pois bem! Aceito! — concedeu o rapaz. — Estou pronto a

secundá-los, pois também gostaria de ajustar umas contas com esses pássaros.

— Então, Buster, ao volante! Voltemos a Norfolk — rematou o homem de maxila de buldogue. — A propósito, chamo-me Bill Vernon...

— Bill Vernon... Não me esqueço — disse Webb. — Quanto a mim, estou decidido a não perder tempo, porque Igor apenas me concedeu oito dias.

— Estou convencido de que, com um tipo como tu, não será preciso muito tempo para que o negócio nos esteja no saco.

Quando o camião chegou às primeiras casas da cidade, Vernon disse para Buster Webb:

— Conservei o meu quarto no Hotel Star onde nos encontramos. Ai poderás sempre procurar-me ou, em caso de ausência, deixar recado. Agora, adeus. Arranja-te sózinho. Mas conserva-te alerta, porque não tardará a ser localizado pelo bando. Eu velarei na sombra, sempre pronto a dar-te uma ajuda em caso de necessidade.

Bill Vernon apeou-se e partiu. Buster pôs-se a dar voltas pela cidade e já assim andava havia uns dez minutos, quando a sua atenção foi atraída para uma série de grandes cartazes, alinhados num tapume consagrado à publicidade do «Variétés-Music-Hall». Por baixo de uma foto que representava um Filho do Céu de quimono de seda, lançando facas que se iam cravar em volta de uma chinesa de braços em cruz sobre o peito, Buster leu, não sem surpresa: «Li-Fang, o rei da destreza».

— Mas — disse Buster — palavra de honra! É o criado de Nel Molsen, o bom do chinês que me tirou do armário. Ora qui está o homem que me poderá ser útil! Não tem o ar de quem adora o patrão e, naturalmente, foi despedido depois da proeza desta manhã. Deve saber bastante acerca desses patifes. Vou iniciar por ele as minhas investigações. A sessão começa daqui a uma hora. Vamos, pois, ao «Variétés»!

NA PRÓXIMA SEMANA:  
ONDE LI-FANG JUSTIFICA QUE É O REI DA DESTREZA...

## CRÓNICA DO OESTE

EM 1846, DURANTE A GUERRA ENTRE OS ESTADOS UNIDOS E O MÉXICO PARA DEFINIR A FRONTEIRA COM O TEXAS, ECLOGIU NA CALIFORNIA UM MOVIMENTO DE COLONOS AMERICANOS QUE FUNDARAM A CHAMADA REPÚBLICA DA BANDEIRA COM O URSO.



MAS UM CORPO DE EXPEDICIONÁRIOS ENVIADO PELO GOVERNO DE WASHINGTON E COMANDADO PELO CORONEL STERNEN W. CONVINCOU ABANDONAR ESSE GESTO DE INDEPENDÊNCIA E DECORREU QUE A CALIFORNIA PASSARIA A FAZER PARTE DOS ESTADOS UNIDOS.

## Asterix O GUERREIRO GAULÊS



AH! EU NÃO VOU AOS GAULESES!



CESAR FICAR-TE-A MUITO RECONHECIDO SE FORES...

NÃO VOU E NÃO VOU MESMO!



PONHO-TE NO ESPETO COMO UM FRANGO SE NÃO VAIS!



BOM... ESTA BEM, VOU...

DISFARCEM-NO DE GAULÊS!



ENTRETANTO, NO ACAMPAMENTO DOS GAULESES...



HÁ MUITO TEMPO QUE OS ROMANOS ESTÃO SOSSEGADOS! CHEIRA-ME A ESTURCO! ESTEJAM ALERTA E NÃO SE ESQUEÇAM DE IR AO DRUIDA BUSCAR O ELIXIR!

VIVA BIGODIX, NOSSO CHEFE!



CHEFE!

QUE QUERES TU, OBE-LIX?



NÃO QUEREM DAR-ME O ELIXIR! NÃO É JUSTO! SINTO-ME FRACO!



AH! AÍ VEM CANTORIX, O BARDO!



VOU ENTOAR UM CANTO PARA DAR CORAGEM AOS GUERREIROS...



TEMOS MAIS QUE FAZER...

EU TENHO UMA DATA DE MENHES PARA ENTREGAR...

QUE O CÉU ME GAIA SOBRE A CABEÇA! JÁ É TARDE!

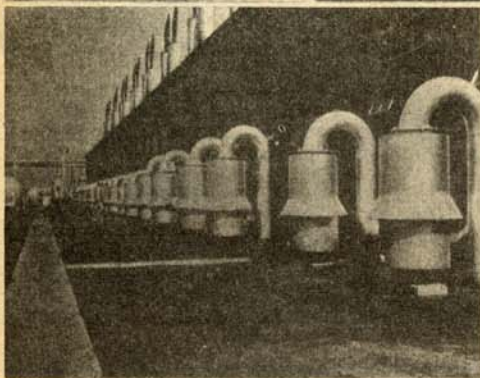


BARBAROS/NÃO COMPREENDEM NADA DA MINHA ARTE!

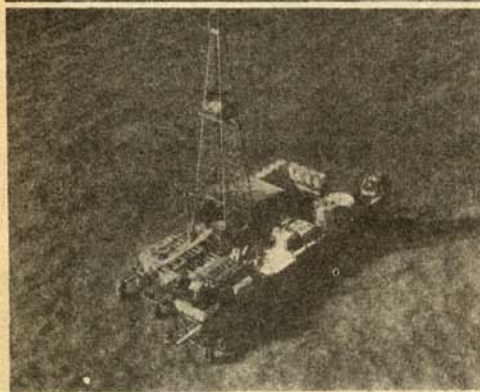
CONTINUA

# O PETRÓLEO

O MAR GUARDA OS MAIS RICOS JAZIGOS DE PETRÓLEO



EM CIMA: estes aparelhos de uma refinaria de petróleo servem para filtrar o óleo negro, libertá-lo da poeira e da areia que contém no estado natural, particularmente, durante o período das tempestades de areia. Essas impurezas contidas no petróleo poderiam causar graves estragos nos aparelhos da refinaria.



EM BAIXO: vista panorâmica de um poço de extração instalado no Golfo do México. Trata-se de uma ilha flutuante inteiramente metálica, que serve de base ao "derrick". Um pontão permite aos petroleiros atracarem facilmente.

O petróleo foi conhecido de toda a antiguidade, mas a sua importância industrial data apenas da segunda metade, do século XIX. Foi, com efeito, em 1858, que o americano Drake, ao perfurar um poço na Pensilvânia, viu brotar das profundezas da terra um líquido viscoso que, uma vez purificado, deu um bom carburante de chama com grande brilho. A febre do petróleo apoderou-se então dos especuladores. Uma nova indústria nascera!

Hoje, apesar da difusão crescente da energia atômica, sábios e técnicos de todo o mundo insistem em intensificar a busca do óleo negro... até debaixo do mar, visto que — conforme está provado — os mais importantes poços de petróleo se encontram no fundo dos oceanos. Mas vamos por ordem...

Como já dissemos, o americano Drake mostrou o caminho para um novo gênero de aventura, no dia em que descobriu um poço de petróleo em Titusville. Conforme era de esperar, centenas, milhares de pesquisadores invadiram a região, o que teve como resultado descobrirem-se novos poços e baixar o preço do óleo negro. De vinte dólares desceu rapidamente para dez centimos o bidão. E, como uma torrente, o petróleo invadiu a América. A fim de o revalorizar, Carlo Benz, de Mannheim, lançou no mercado o primeiro motor de explosão. E a febre do petróleo recrudescer.

Apenas dez anos tinham decorrido, quando um jovem americano astucioso e inteligente decidiu investir os seus capitais numa modesta refinaria em Cleveland. Esse homem, que tinha apenas 30 anos, era John Rockefeller. Em 1870 fundou a «Standard Oil Company», que em

pouco tempo instaurava um verdadeiro regime de monopolização do petróleo.

Vinte anos depois, Rotschild criava a «Royal Dutch Oil Co», sociedade holandesa para exploração dos poços das ilhas da Malásia.

Em 1900, essa sociedade tornou-se propriedade dos ingleses e fundiu-se com a «Shell Transport and Trading Co», propriedade de Marc Samuel. A nova sociedade teve como símbolo uma concha, (shell, em inglês, significa concha) que pouco depois começava a aparecer por todos os lados. A luta foi crescendo entre a Shell e a Standard e, depois de um período difícil, durante o qual pareceu que a extração era superior ao consumo, a procura ultrapassou a oferta. Novos poços começaram a ser explorados em todo o mundo. De 20 milhões de toneladas, no princípio do século, o consumo de petróleo e dos seus derivados ultrapassou, em 1950, meio bilhão. Durante os últimos dez anos, este número tem continuado a aumentar. Há anos falou-se muito em examinar de novo a produção de benzina sintética. Tal descoberta deve-se a um alemão; os americanos aperfeiçoaram-na, recorrendo à fluidificação do carvão. Nessa época emitiu-se igualmente a ideia de transformar o «gás natural» em combustão líquida.

Mas a procura de petróleo crescia de dia para dia. Era preciso encontrar imediatamente uma solução para tão delicado problema.

Os cientistas tiveram então a ideia de efectuar sondagens submarinas. No golfo do México, quarenta milhas ao largo da costa da Luisiana, foram localizados vários depósitos. Tratava-se do mais rico jazigo de petróleo até então registado nos Estados Unidos (cerca de quatro bilhões de bidões). Os trabalhos preparatórios da extração exigiram muitos esforços e dinheiro. Foi preciso construir um ilhéu de aço montado sobre flutuadores, que custou nada menos de 700 milhões de francos franceses. O «derrick» atravessou 2500 metros de água, antes de atingir o fundo

# AQUI RADIO-FOGUETÃO

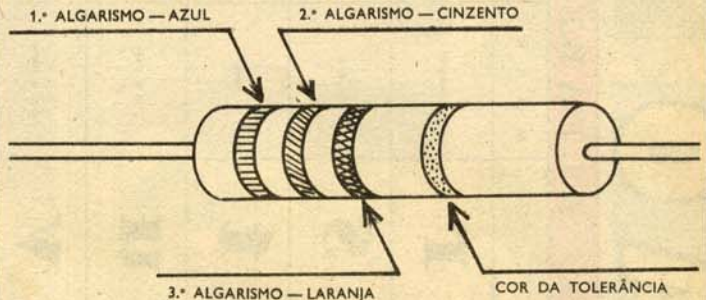
## A RESISTÊNCIA

O «Fogueteão» é para os jovens. A nossa secção, portanto, destina-se a pessoas cuja idade não lhes proporcionou ainda ocasião de aprofundarem os conhecimentos de rádio. Por esse motivo, vamos hoje dar uma leve explicação sobre a resistência, uma pequena e modesta peça que desempenha papel importante nos aparelhos electrónicos: receptores de rádio, televisores, foguetões, etc..

Uma resistência, semelhante às que entram na construção daqueles aparelhos, tem a propriedade de reduzir a passagem duma determinada tensão

Reste agora determinar qual a ordem em que essas cores são pintadas nas resistências. Para elucidação, apresentamos juntamente uma pequena ilustração.

Para se ler o valor indicado por cores, deve aquela ser posta conforme o desenho nos elucida, isto é, as cintas colocadas ao lado esquerdo. Portanto e para simples exemplo, supunhamos que a primeira cinta é de cor azul representando o primeiro algarismo; a segunda cinta terá a cor cinzenta e representa o segundo algarismo; temos depois a terceira cinta que repre-



eléctrica ou, mais vulgarmente, duma corrente eléctrica. O seu efeito é análogo ao que acontece quando apertamos um tubo de borracha por onde está passando água: quanto mais apertamos, mais resistência oferecemos à passagem da água e, conseqüentemente, a quantidade que passa será menor.

Como é de calcular, há uma enorme diversidade de tipos de resistências e de valores; portanto, há resistências que oferecem menor ou maior oposição à passagem da corrente eléctrica. Assim como podemos medir a força em quilos oposta à passagem da água pelo tubo de borracha, também nas resistências há uma unidade chamada Ohm utilizada na indicação do valor das resistências eléctricas.

Algumas resistências trazem o seu valor indicado com algarismos; contudo, a maioria segue um código internacional de cores pelos quais se conhece rapidamente o seu valor. Assim, os algarismos de um a zero são classificados pelas seguintes cores:

- |              |              |
|--------------|--------------|
| 1 — Castanho | 6 — Azul     |
| 2 — Vermelho | 7 — Violeta  |
| 3 — Laranja  | 8 — Cinzento |
| 4 — Amarelo  | 9 — Branco   |
| 5 — Verde    | 0 — Preto    |

sentará o terceiro algarismo e que no nosso exemplo tem a cor de laranja. Logo, verificamos que:

- Azul é igual a ..... 6  
Cinzento é igual a ..... 8  
Laranja é igual a ..... 3

A terceira cinta, porém, representa a quantidade de zeros que devemos colocar depois dos dois primeiros algarismos. Deste modo a nossa resistência não terá o valor de 683 ohms mas sim de 68 000 ohms.

Existe uma quarta cinta que, pela sua cor, indica a tolerância dessa mesma resistência. Para a curta explicação que acabamos de lhes dar não nos interessa tal pormenor. Em qualquer bom livro elementar de rádio ou no Curso de Rádio por Correspondência da Rádio-Escola, todos os elementos sobre resistência são encontrados, além de explicações pormenorizadas dos outros componentes dos aparelhos de rádio.



do oceano, constituído por lodo e areia, e transpôs em seguida uma camada rochosa com a espessura de quatrocentos metros, para depois tocar a toalha do precioso líquido.

De então para cá, a febre do petróleo tem continuado a crescer. Por todo o mundo se abrem e entram em exploração novos poços. A Arábia conta 223 e a América 425 milhares. Cinco companhias (Standard, Caltex, Gulf Oil, Shell e B. P.) têm, por assim dizer, o domínio do mercado mundial do petróleo.

Mas deixemos aos homens da finança e da indústria os sérios problemas do negro óleo e debruçemo-nos por momentos sobre aqueles casos anedóticos a que os franceses chamam «la petite histoire».

Antes que Edmis Laurence Drake se tivesse apeado da diligência — em Maio de 1858, a povoação de Titusville, na Pensilvânia, era um pequeno aglomerado de casas, sem história e sem futuro à vista...

E não é que os seus habitantes desconhecem esse líquido dum negro esverdeado que gotejava a cada canto. O que eles não sabiam é que aquela coisa mal cheirosa podia ter tanto valor. Por isso, quando Drake começou a montar as suas instalações, toda a gente perguntava que demônio ia aquele estrangeiro fazer do óleo que lhes estragava as águas dos poços e dos ribeiros. Só para remédio...

De facto, noutros tempos, os índios recolhiam o óleo que brotava do solo e friccionavam-se com ele para se curarem de uma grande variedade de doenças. Até mesmo durante a Guerra da Secessão, os soldados, quando se sentiam muito fatigados, friccionavam as articulações com o óleo milagroso.

Em 1847, um certo Samuel Kier teve a ideia de engarrafar o petróleo e vendê-lo como medicamento, acom-

(Continua na página 11)

## Lintin au Tibet

Tchang, ici! Je t'ai déjà défendu cent fois de jouer avec des chiens de rue!

On n'a pas idée de donner un nom pareil à un chien, mille sabords!... Si, c'est un pékinois: ça se justifie.

Écoutez-moi, Tintin... Si votre ami Tchang n'était pas mort, l'expédition de secours l'aurait retrouvé.

Pas sûr! Pas sûr!... Bon! Admettons même qu'il soit vivant. Je...

Un chien de rue, moi!...

C'est bientôt fini, avec votre Tchang? Excusez-moi, Monsieur, mais j'ai un rhume de cerveau, et...

Je disais même s'il était vivant, pourquoi seriez-vous capable de le retrouver, vous, alors que des sherpas et des montagnais expérimentés n'y sont pas arrivés!...

Capitaine, je suis persuadé que Tchang est vivant. C'est peut-être stupide, mais c'est ainsi... Et comme je le crois vivant, je pars à sa recherche.

Et moi, je vous dis, fête de mule, partez pour le Népal, partez pour Tomboutou ou pour Vladivostok, moi, ça m'est égal, car vous partirez seul!... Moi, c'est non, non et non!... Et quand je dis non, c'est non!...

■ Aqui, Tchang! Já te proibi com vezes de brincar com cães da rua! Com mil diabos! ■ Sim, é um pequinês: justifica-se. ■ Não é certo!... Não tem a certeza!... Bom! Admitamos mesmo que esteja vivo. Eu... ■ Quando é que acaba com b seu Tchang? ■ Desculpe-be, senhor, bas tenho uma costipação no nariz e... ■ Dizia eu: mesmo que estivesse vivo, porque havia você de ser capaz de o encontrar, se sherpas e montanheses experimentados não o conseguiram?... ■ Capitão, estou persuadido de que Tchang está vivo. Talvez seja rápido, mas é assim... E, como o julgo vivo, parto à procura dele. ■ E eu, digo-lhe, cabeça de burro: parta para o Népal, parta para Tombuctu, ou para Vladivostok, e mim tanto me faz, porque partirá sózinho!... Eu cá, é não, não e não!... E quando eu digo não, é não!... ■ E dois dias mais tarde, em Nova Delhi!...

Et deux jours plus tard, à New-Delhi...

Je disais même s'il était vivant, pourquoi seriez-vous capable de le retrouver, vous, alors que des sherpas et des montagnais expérimentés n'y sont pas arrivés!...

pista das pegadas. Andou assim durante três quilômetros, ora achando ora perdendo a pista. Por fim, parou, de olhos fixos nas pegadas fascinantes. Deixara de ouvir o ruído tonitruante do caldeirão que os sherpas batiam como um tambor para assustar o monstro. Pierre Bardet tinha-se afastado muito... a pista era cada vez mais nítida... Talvez o yéti estivesse a dois passos dele, oculto pelo nevoeiro. O francês tinha como únicas armas a sua faca de mato e... o aparelho fotográfico. Se avançasse, talvez o combate fosse inevitável. E desse combate não seria ele decerto o vencedor. Com a sua morte, ninguém ganharia: nem a Ciência... nem ele! Mas valia, portanto, fotografar as pegadas. E não eram pegadas de macaco... Não eram dois pés, sempre de dois pés e nunca de quatro, ao contrário do que acontece com ursos e gorilas, que, de vez em quando, se abrem da posição vertical e põem as mãos no chão... Mesmo quando caminha era obrigado a saltar, o caminhante desconhecido caía sempre como o homem, sobre os dois pés.

E o Padre Bardet ficou com a certeza de estar perante um dos mais obscuras segredos da Natureza.

### HOUVE QUEM VISSO O YÉTI!

Até 10 de Agosto de 1957, o yéti foi uma espécie de fantasma irreal que marcava na neve os meandros do seu caminho, mas cuja pista acabava sempre por se perder em qualquer refúgio inóspito. Mas nessa data um sábio russo, o geógrafo Alexandre Prokine, viu o «abominável»!

— Pareceu-me — contou o sábio — ter visto alguém de pé sobre uma elevação. Pensei que se tratava de um urso e pus-me a observá-lo. De repente, porém, compreendi que não era um urso, mas um ser semelhante a um homem — que se deslocava sobre dois pés e curvando-se um pouco. Não trazia qualquer espécie de vestuário. O corpo era coberto de pelo farto, de um cinzento arruivado. De aparência maciça, pesada, tinha os membros superiores muito compridos. E então tive a certeza de que na minha frente estava um homem das neves.

Tal é o testemunho de um homem de ciência. Quanto a saber ao certo o que é o yéti, isso já é outra história. Será um macaco mais próximo do homem que o gorila ou o chimpanzé? Será uma espécie de homem primitivo que tenha parado no estado em que se encontravam os nossos antepassados há cinquenta ou há cem mil anos atrás e a quem o Himalaia tenha reservado o supremo refúgio?

Poderão as almas sensíveis per-

### MAS A HISTÓRIA É SÉRIA!

Uma vez houve, no entanto, em que o homem esteve prestes a levar a melhor, apanhando o Yéti de surpresa. Foi em Maio de 1955, no maciço de Makalu, que se encontra em território do Nepal. Havia já várias noites que alguns alpinistas franceses ali estavam acampados. E durante essas noites tinham ouvido estranhos ruídos em redor do acampamento. Os sherpas — que sabiam o que esses ruídos significavam — tinham medo. Eram as queixas do yéti esfomeado. A 11 de Maio, uma equipa partiu em direcção à garganta de Barun. O chefe dessa equipa era o Padre Pierre Bardet, ao lado de quem caminhava um guia indígena.

Cerca do meio-dia, a equipa chegou ao desfiladeiro de Barun e então... então os homens viram distintamente vestígios de passos que marcavam o solo de Leste para Oeste.

Apavorados, os sherpas largaram a correr, gritando ao francês: — Depressa! Fogel! É o yéti! Não fiques aí! É preciso acender fogueiros!...

Compreendendo a importância da descoberta realizada, Pierre Bardet saltou de rochedo em rochedo, não para fugir, mas para seguir a

QUE DIABO VEM A SEGUIR AQUI ENGENHO? PARA QUE DE MÓNIO SERVIRÁ TÃO GROSSEIRO APARELHO? NÃO PERCEBO... GELO!

### O ALFABETO POR SINAIS

	MORSE	SINAIS DE BRAÇOS	CÓDIGO MARÍTIMO	SURDOS-MUDOS
r	---	[Hand signal]	[Flag]	[Hand signal]
s	...	[Hand signal]	[Flag]	[Hand signal]
t	-	[Hand signal]	[Flag]	[Hand signal]
u	..-	[Hand signal]	[Flag]	[Hand signal]
v	...-	[Hand signal]	[Flag]	[Hand signal]
w	---	[Hand signal]	[Flag]	[Hand signal]
x	---	[Hand signal]	[Flag]	[Hand signal]
y	---	[Hand signal]	[Flag]	[Hand signal]
z	----	[Hand signal]	[Flag]	[Hand signal]

Os jovens são como as plantas: pelos primeiros frutos se vê o que podemos esperar para o futuro.

Democrates

## A ARMADILHA DIABÓLICA

por E. P. JACOBS

ENQUANTO A ESPERA SE FECHAVA SOBRE O NOSSO AMIGO TIM-TIM, A VOZ CONTINUAVA A ENVIAR UM SINAL DE ALARME... ENQUANTO A ESPERA SE FECHAVA SOBRE O NOSSO AMIGO TIM-TIM, A VOZ CONTINUAVA A ENVIAR UM SINAL DE ALARME... ENQUANTO A ESPERA SE FECHAVA SOBRE O NOSSO AMIGO TIM-TIM, A VOZ CONTINUAVA A ENVIAR UM SINAL DE ALARME...

ESTA VEZ, A VOZ ORDENOU... ESTA VEZ, A VOZ ORDENOU... ESTA VEZ, A VOZ ORDENOU...

ENQUANTO, NO CONTADOR DO "SELECTOR TEMPO" SE MOVIA O SELO, OS Nossos AMIGOS PERSEGUIAM NUMA DANÇA DIABÓLICA... ENQUANTO, NO CONTADOR DO "SELECTOR TEMPO" SE MOVIA O SELO, OS Nossos AMIGOS PERSEGUIAM NUMA DANÇA DIABÓLICA...

COM TODA A SUA ENERGIJA, BOUTOU-A PARA TRÁS... COM TODA A SUA ENERGIJA, BOUTOU-A PARA TRÁS... COM TODA A SUA ENERGIJA, BOUTOU-A PARA TRÁS...

FINALMENTE, COM UM AUTOMATO, LEVANTOU A VISERA... DESABERTO O CINTO... E ACCHOU A ABERTURA DO APARELHO POR ONDE IMEDIATAMENTE ENTROU UM SAPO DA ESPÉCIE NUNCA VISTA... FINALMENTE, COM UM AUTOMATO, LEVANTOU A VISERA... DESABERTO O CINTO... E ACCHOU A ABERTURA DO APARELHO POR ONDE IMEDIATAMENTE ENTROU UM SAPO DA ESPÉCIE NUNCA VISTA...

OH! OH! OH!

Abominável Homem das Neves



Não é só ao nosso Tim-Tim que o estranho ser vai dar que pensar. Os jornais de todo o mundo têm falado muito dele nos últimos tempos. Foi visto? Não foi visto? É um homem? Um macaco gigante? Um urso?

Perguntas até agora sem resposta concreta e definitiva. O abominável homem das neves foge a ser identificado. E isto dura há mais de setenta anos!

Foi exactamente em 1889 que pela primeira vez o mundo teve notícias desse estranho habitante dos altos maciços da Ásia.

Ao explorar uma cadeia do Himalaia, a 5 180 m de altitude, o coronel inglês Weddell deparou de repente com pegadas humanas na neve. Mas que senhoras pegadas! Enormes, desconhadas, monstruosas, provinham de alguém que tivesse decidido do alto da montanha para o vale e depois tivesse tornado a subir, como de regresso a casa, Dar-se-ia o caso de existir, na solidão do mais alto maciço montanhoso do planeta, um ente vivo semelhante ao homem?

### O TAL YÉTI SABIA VIVER...

Já lá vão setenta anos e a pergunta continua sem resposta.

Muitos tibetanos afirmam ter visto o «abominável homem das neves», o yéti. Alguns juram mesmo que se trata de uma espécie de gigante coberto de pelo ruivo. Outros sustentam que a aparição tinha a forma de um urso notavelmente ágil. No Tibete conta-se mesmo que certo médico, ao viajar pela montanha, foi abordado por um yéti que lhe deu ordem para o acompanhar. Que faria qualquer de nós em caso semelhante? Obcecado, pois. O yéti conduziu então o médico a uma caverna onde a sua — dele, claro está! — mãe estava a morrer engasgada com um osso. O médico salvou a afiata criatura, e o yéti, reconhecido, ofereceu-lhe duas cabeças humanas (!) com brincos de ouro

### PORQUE ESTALA O VIDRO COM O CALOR!

Ninguém sabe! Ninguém descobre o motivo por que ao deixarmos água quente num copo frio ele estala!

Não há um motivo: há três. Três motivos que fazem que, por imprevisíveis desta género, o serviço de copos em que tínhamos tanto gosto fique desfalcado.

Primeiro motivo: o vidro é quebrável, o que significa época dilatável.

Segundo motivo: o calor espalha-se no vidro muito lentamente.

Terceiro motivo: a parede exterior do copo conserva-se fria quando a parede interior já está aquecida pela água.

Somadas pois estas três parcelas, o que acontece é isto: Como o calor dilata os corpos, a superfície interior do copo, que está em contacto directo com o líquido quente, dilata-se mais do que a superfície exterior.

Esta diferença de dilatações produz uma tensão que a elasticidade do vidro não aguenta. É pronto! Um copo o menor.

O vidro especial chamado «quebrável» dilata-se menos com o calor do que o vidro normal e é por isso mais resistente.

### Porque é que os nossos olhos vêem as cores?

Sim! Como é que as coisas se passam quando vemos um objecto de cor!

Em primeiro lugar, a imagem do objecto fixa-se na nossa retina, que encerra cerca de quatro milhões de receptores visuais, sensíveis às cores e que contém substâncias visuais. Segundo uma teoria científica, essas substâncias visuais sensíveis às cores: vermelha - verde, amarela - azul e negra - branca.

Segundo outra teoria, tais substâncias seriam antes sensíveis às cores vermelha, verde e azul. Todas as cores que se encontram na natureza são uma mistura destas cores básicas.

Acontece então que cada uma das três substâncias visuais contidas nos receptores visuais é diferentemente impressionada, segundo a maior ou menor participação que a cor básica tem na imagem. Essa impressão é transmitida ao cérebro pelo sistema nervoso e então aí que se efectua a mistura das cores, para nos dar o tom do objecto observado.

# AS LIÇÕES DE JOSÉ ÁGUAS

6—AS VÁRIAS MANEIRAS DE CONDUZIR A BOLA



Que pensam vocês, quando vêem o Zé Augusto, ou o Yauca, ou o Seminário a correr com a bola, lançados em direcção à baliza, ou paralelamente à linha lateral, para concluir com os seus temíveis centros? Que é fácil? Pois experimentem.

Com o peito do pé — Há jogadores que se aceitam melhor, conduzindo a bola em corrida, à custa de pequenos toques sucessivos, dados com o peito do pé. Aqueles dos meus leitores que se julgarem capazes para tal sistema, devem atentar no seguinte: a bola tem de ser batida com suavidade, para que não se afaste demasiado, e de modo que a corrida decorra tão normalmente quanto possível, isto é, sem que a passada seja alterada. Será sempre o mesmo pé a bater o esférico: começando com o direito, o esquerdo apenas serve para a progressão no terreno, e vice-versa. Convém treinar sem pressas, exagerando até à lentidão, inicialmente. Depois, à medida que se ganha confiança e destreza, aumenta-se a cadência.

Evidentemente, o verdadeiro futebolista tem de saber fazer com um pé tudo quanto faz com o outro (não me venham cá com o Puskas, que isso é outra história!). Portanto, vamos a alternar o exercício com ambos os pés!

Quanto ao mais, olhem bem para a bola, mas vejam, também, para onde vão: não podem caminhar às cegas...

Com o interior do pé — Agora, experimentemos com a parte de dentro do pé. Ponhamos a ponta do pé claramente para fora (do pé que conduzirá a bola, bem entendido), dobrando a perna pelo joelho e deixando-a mole. Primeiro com o esquerdo, batendo o esférico, docemente, em corrida, e depois com o direito. Parece bastante mais fácil o controle da bola. E é, de facto, Mas...

...mas tem um inconveniente: caminha-se muito mais devagar. Este sistema, com efeito, exige uma diminuição de velocidade de corrida notável.

Com o exterior do pé — Finalmente, vamos experimentar o mesmo exercício, mas com a variante de se tocar a bola com a parte de fora do pé, no estilo Yauca, ou daquele extraordinário extremo di-

reito que foi o Jesus Correia, que a maioria de vocês já não viu jogar.

Toma-se uma posição de corpo um pouco forçada, mas a corrida não será tão prejudicada como com o anterior processo.

Enfim, três sistemas de condução da bola, em corrida, variando consoante as preferências dos jogadores e também dependendo das circunstâncias do momento. Depois, claro está, é preciso treinar a mudança brusca de pé e de direcção, para ludibriar o adversário.

Mas isso fará já parte da finta e do drible, da chamada «venda do espantalho» ao nosso opositor, em que alguns avançados, especialmente os extremos, são exímios. E quanto às variações da corrida, tanto em mudanças de velocidade, como de direcção, há um «sujecinho» assombroso: refiro-me ao Hernani, do F. C. do Porto, quando está nos seus dias... Em Inglaterra, no fabuloso Estádio do Wembley (Londres), naquele desafio em que a equipa de Portugal abalou o prestígio dos «mestres», o Hernani pôs todo o público de pé, com a extraordinária arrancada, deixando todos os adversários no caminho, e terminou com um passe «de bandeja» para o Carlos Duarte, que não teve dificuldade em empurrar a bola para o fundo das balizas dos britânicos. Um «golão», que o desportivo público londrino aplaudiu demoradamente!

Mas melhor será não lhes falar muito nestas jogadas de inspiração individual, não vão vocês começar, tão novinhos, com o péssimo hábito de se agarrarem à bola e quererem-na só para si...

Para treinarmos o controle da bola, em corrida, façam por percorrer, para cá e para lá, centenas de metros, tocando-a suavemente, sem a deixarem afastar-se demasiado, e mudem de pé e da parte do mesmo que contacta com o esférico...

*Jose Águas*

# TIM-TIM

está de novo na ordem do dia



Não! A frase não é exacta! Tim-Tim não está de novo na ordem do dia, porque é uma personagem de interesse permanente, um cartaz de todos os dias.

Como o herói de uma opereta célebre, Tim-Tim poderia cantar:

**TRES VEZES DEI A VOLTA AO MUNDO...** Porque também ele tem dado a volta ao Mundo nos álbuns, nos jornais, nas revistas. Também ele, viajante incansável, continua a percorrer o mundo inteiro com passaporte de turista, acompanhado pela Rom-Rom, pelo capitão Rosa, por todas as outras personagens das suas

aventuras. Em cada país, milhares de jovens e de «menos jovens» delectam com as peripécias das suas histórias, esperam ansiosos a continuação...

E em cada país também Tim-Tim e a sua gente são traduzidos, baptizados com nomes nacionais, adaptados ao sentido de humor de ingleses, alemães ou portugueses. É por isso que Rom-Rom, que no original se chama Milou, recebe em inglês o nome de «Snowy». Mas... vamos por ordem. Demonstramos graciosamente as viagens e andanças da família Tim-Tim e dos seus respectivos nomes.

COMO SE CHAMAM EM DIVERSOS PAÍSES ALGUMAS PERSONAGENS DAS AVENTURAS DE TIM-TIM

FRANCÊS	FLAMENGO	ALEMÃO	INGLÊS	ESPAÑHOL	ITALIANO	PORTUGUÊS
Tintin	Kuifje	Tim	Tintin	Tintin	Tintin	Tim-Tim
Milou	Bobbie	Struppi	Snowy	Milu	Milu	Rom-Rom
Capitaine Haddock	Kapitein Haddock	Kapitän Haddock	Captain Haddock	Capitan Haddock	Capitano Haddock	Capitão Rosa
Tryphon Tournesol	Trifonius Zondebloem	Balduin Bienlein	Professor Calculus	Silvestre Mariposa	Professore Girasole	Professor Pintadinho
Dupont Dupond	Jansen Jansens	Schulte Schulze	Thomson Thompson	Hernandez Fernandez	Rosso Rossi	Zigue Zagac
Nestor	Nestor	Nestor	Nestor	Néstor	Temistocle	Ulisses

## A ESTRELA DA SEMANA

DIRK BOGARDE

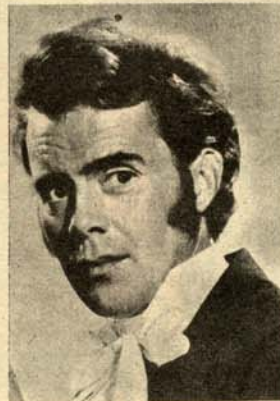
O astro que hoje brilha — e muito intensamente — no nosso pedacinho de firmamento cinematográfico, é Dirk Bogarde, homem de nome complicado. Um doce a quem adivinhar o nome que figura no seu bilhete de identidade... Pois nada mais nada menos do que Dirk Jules Gaspard Ulric Niven Van Den Bogaerde. Não precisamos de mais nada para saber o motivo por que o mudou... Pois Mr. Dirk... etc... etc... nasceu em Hampstead (Inglaterra) em 28 de Março de 1920 (Este ano já não vão a tempo de lhe mandar os parabéns...). Tem portanto 40 anos e, mercê das suas excepcionais condições físicas, pode ainda enfileirar na galeria dos jovens galãs. Aliás, é sob esse aspecto que o público se acostumou a admirar o actor inglês que vimos há

poucos meses interpretando a figura de Lizt.

Embora filho de actores, Dirk não foi um menino prodígio dos palcos. Tinha já 27 anos quando se estreou em Londres. Depois foi a guerra e Dirk, alistado no exército, bateu-se na Europa e no Extremo Oriente, conquistando — apesar de jovem — os galões de capitão.

Quando a paz voltou, o nosso biografado voltou-também ao teatro, de onde não lhe foi difícil passar ao cinema. No cinema tem trabalhado com as maiores vedetas europeias e americanas, como por exemplo Jean Simons, Brigitte Bardot, Leslie Caron, Olivia de Havilland, Yoko Tani e Ava Gardner.

Vimo-lo também com Capucine em «Sonho de Amor» e vê-lo-emos ainda,



se Deus quiser, em muitos outros filmes onde o seu talento continuará a brilhar.

Na próxima semana traremos a esta página a italiana ALIDA VALI

OS MISTÉRIOS DA ALTA ESPIONAGEM NUMA AVENTURA SENSACIONAL

## O SOL NEGRO

POR *imé*





## SAX ROHMER



### E OS MISTÉRIOS ORIENTAIS!

## É BOM DETECTIVE?

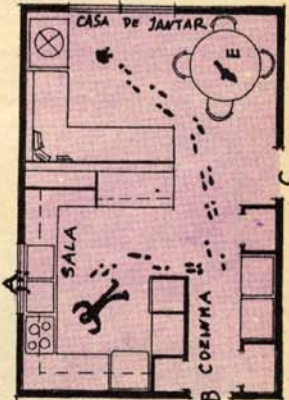


Em primeiro lugar, mesmo sem pretender envolver-se pela profissão de «detective», interessa exercitar o espírito de observação e a inteligência, tão úteis em qualquer meio de vida.

Por essa razão sujeitamos a argúcia dos leitores este pequeno e simples exercício.

Na gravura apresentamos um suposto desenho do local de um crime. Juntamente há três versões de testemunhos. Apenas uma delas é correcta. É capaz de descobrir qual?

Então tente:



1.—O crime foi cometido na casa de jantar. O criminoso arrastou a vítima para a sala e fugiu pela janela «B» da cozinha.

2.—O crime foi cometido na sala e o criminoso foi até à casa de jantar colocar a arma na mesa «E». Nesta casa deixou uma poça de sangue em virtude dum ferimento que tinha.

3.—O crime foi cometido na casa de jantar, onde sobre a mesa «E» o assassino deixou a arma. Transportou depois o cadáver para a sala e fugiu pela janela «A».

#### RESPOSTA

A resposta exacta é a n.º 3.

## CURIOSIDADES DO ABC POLICIAL

### 4. FICHAS



A sinalização de cada preso é registada em França em duas fichas distintas de modelo regulamentar. A ficha alfabética de formato 155 por 155, e a ficha sinalética de 145 por 155.

A separação destas fichas permite colher dados quando se conhece a identificação do indivíduo e averiguar a sua origem quando apenas se conhecem os seus sinais.

### 5. TINTAS



Chamam-se tintas simpáticas aquelas em que, para se proceder à leitura do que com elas foi escrito, se têm que utilizar reacções especiais. As mais comuns são o sumo do limão ou de cebola e a própria saliva, que sob a acção do

calor se tornam distintas.



Famoso técnico da arte da investigação (GOELITZ), examinando as provas encontradas num carro suspeito.

### 1. BUCHAS



As buchas podem ser feitas de papel, de trapo e de feltro. As buchas do revólver de 1892 eram, porém, metálicas.

Por vezes, os criminosos empregam buchas curiosas e originais que os têm levado à prisão por se encontrarem nos canos das armas resíduos idênticos aos dos materiais utilizados.

### 2. PEGADAS



Já foi estabelecida uma fórmula para, em face da pegada dum indivíduo, estabelecer igualmente a sua possível estatura. Essa fórmula é devida a Parville. Não é ainda aceite como exacta, pois é facto comprovado que há indivíduos altos com os pés pequenos, como os há pequenos com os pés grandes.

### 3. IMPRESSÕES DIGITAIS



A jurisprudência criminal admite sem discussão o valor probatório das impressões digitais. O primeiro caso em que um criminoso foi identificado por meio das impressões digitais foi o «Caso Schaeffer» em 1902. Em 1910 registou-se o primeiro caso em que elas deram lugar a uma condenação.

Sax Rohmer decidiu apresentar uma obra de ficção embebida no ambiente criado. Nasceu assim... o célebre Dr. Fu Manchú! «Um homem alto, delgado, felino, com o aspecto de Shakespeare e o rosto de Satanás. Olhos verdes brilhantes, pupilas que se contraem como as de um pássaro nocturno e lançam poder maléfico».

As mãos largas e ossudas parecem deslizar pelos objectos sem os tocar. É assim que o próprio escritor o descreve.

Para combater esta força de inteligência concretizada num homem, surge Nayland Smith, o Comissário-Geral da Birmânia, ajudado pelo Dr. Pétrie, seu íntimo amigo e cronista.

Dessa luta terrível através de quatro volumes: «O misterioso Dr. Fu Manchú», «O diabólico Doutor», «A Falange Sagrada» e «A Filha de Fu Manchú», ficou um vapor esverdeado de fama misteriosa, cheia de um orientalismo de tão acentuado vinco, que ainda hoje aqui recordamos em letras chinesas o nome de uma das grandes figuras da Literatura Policial: Sax Rohmer...

## MULHERES A MAIS?



O sr. Tibúrcio, velho solteiro, esteve numa festa em casa de pessoas de família. E quando lhe perguntaram se tinha gostado, respondeu: — Não foi mau... Mas havia mulheres a mais.

Perante a estranheza do seu interlocutor, explicou: — Claro que havia. A principio estavam duas vezes mais mulheres do que homens. Af por volta das duas horas da manhã, quando saíram oito convidados com os respectivos esposos, então passou a haver quatro vezes mais mulheres do que homens.

A pessoa que conversava com o sr. Tibúrcio ficou um pouco intrigada e sem saber quantos eram, afinal, os convidados: homens e senhoras.

E vocês, caros leitores, são capazes de o dizer?

SOLUÇÃO  
Primeiro havia 24 senhoras e depois 16.

## 6—A CHAVE DO MISTÉRIO



Naquela tarde, ao passar em frente da casa dos meus vizinhos, ouvi D. Deolinda repreender Lucília, sua filha, que conta dez anos. — Grande má! Foste tu que comeste as amêndoas! — Não fui, mãezinha! — Pois quem havia de ser senão tu? Ao ver-me, D. Deolinda exclamou: — Oh! Meu caro senhor! Que filhos mais maus eu tenho. A Lucília é uma gulosa, uma mentirosa. O Cláudio ainda esta manhã andou à pancada na escola! — Mas tem a certeza de que foi a Lucília que tirou as amêndoas?

— Evidentemente! Ficaram os dois sôzinhos em casa — ela e o Cláudio. A ele, para o castigar, fechei-o no quarto. Ainda lá está... Portanto, só a Lucília podia ter ido à casa de jantar tirar as amêndoas. Eu conhecia bem a pequenita e sabia-a muito sincera. Por isso sugeri: — Talvez o Cláudio tenha saído do quarto... — Impossível! — respondeu D. Deolinda. — Venha comigo... D. Deolinda, Lucília e eu dirigimo-nos então ao quarto de Cláudio, situado no primeiro andar. A porta estava fechada à chave pelo lado de fora e a chave encontrava-se na fechadura. D. Deolinda abriu e vimos o pequeno de braços sobre a cama, muito entretido a ler um álbum do «Cavaleiro Andante». Em cima do tapete, um lápis e um jornal diário.

A janela que dava para o quintal estava aberta. — Cláudio! Como arranjaste tu esse álbum e o jornal? — perguntou a mãe. — Foi a Lucília que me trouxe — replicou o rapazito. Pedi-lhos porque estava aborrecido. Novamente irritada, D. Deolinda voltou-se para a filha. — Mas eu tinha-te proibido de vires ter com o teu irmão! — Eu não entrei, mãezinha! — protestou Lucília. — Meti o álbum e o jornal por baixo da porta. — A que horas prováveis se deu o roubo das amêndoas? — perguntei. — Não sei! — respondeu Lucília. — Eu estava no escritório do papá a fazer os meus trabalhos da escola e não vi nada. Quando fui à casa de jantar eram quatro e dez. Já as amêndoas tinham desaparecido... Debrucei-me na janela e vi na parede riscos e arranhaduras que pareciam feitos de frescos. No quintal ao lado um homem de idade arrancava ervas. — Viu descer alguém por esta janela? — perguntei. — Não, senhor. E tenho estado aqui toda a tarde. Só entrei para casa entre as quatro e um quarto e as cinco horas. Agradeço a informação e, voltando para dentro, examinei o jornal. — Não tem nada que interesse!

— disse Cláudio, encolhendo os ombros. — Enganas-te, meu amigo! — respondi. — Este jornal acaba de me revelar que foste tu o ladrão das amêndoas... Vejamos! — interveio a mãe. — É impossível! — Por onde havia ele de sair? — Pela porta, D. Deolinda. — Mas estava fechada à chave pelo lado de fora! — Pois foi mesmo pela porta que Cláudio saiu. Se o tivesse feito pela janela, o vizinho que estava a tratar do quintal teria reparado nele, visto que só entrou em casa às 4,15 h e as amêndoas foram roubadas «antes» das 4,10 h. Cláudio saiu portanto pela porta, foi buscar as amêndoas e, depois das 4,15 h, entrou de novo no quarto trepando à janela, como o provam as arranhaduras na parede. — Mas como foi que ele conseguiu abrir a porta fechada por fora?! — É muito simples. Vou explicar-lhe... —

E tu, caro leitor, és capaz de explicar de que forma procedeu Cláudio para sair do quarto? Esperamos que encontres a chave do mistério!...

### AS PÉROLAS NEGRAS

(Solução do número anterior)

Com efeito, o colar não foi roubado. Mme Weiller simulou um roubo para receber o seguro. Ela própria, voluntariamente, entregou o colar a Lucien Colas, seu cúmplice. Eis os indícios que o provam:

- 1) Se o colar tivesse sido «arrancado» do pescoço de Mme Weiller, as pérolas ter-se-iam espalhado pelo compartimento.
- 2) Lucien Colas conhecia Mme Weiller, visto que, sem ter lido o passaportes, a tratou pelo seu nome. Foi Mme Weiller quem no túnel tirou o colar e o entregou ao cúmplice. Este cortou o fio e misturou as pérolas negras às pastilhas de alcaçuz contidas na caixinha metálica.



## VIAGENS em PORTUGAL

### 4—SABUGAL

Terra boa, terra franca, terra abertamente portuguesa: numa palavra, terra da Beira. Assim é Sabugal, simpática vila nas margens do Coa. É terra com o seu lugar bem firmado na nossa história, como o prova desde logo ao visitante com o altivo castelo mandado construir pelo senhor rei D. Dinis.

Tem, perto de setecentos anos esse castelo — «nascido» como foi em 1296 — e ainda hoje, apesar de velho, com a sua torre de menagem de 30 metros de altura, e um dos mais belos e mais bem conservados que nestas viagens temos podido admirar. Foi nessa torre, no fecho da sua abóbada mais alta, que o nosso rei lavrador mandou colocar as armas de Portugal e, por baixo delas, uma curiosa inscrição.

Esta fez el-rei D. Dinis Que acabou tudo o que quis. E quem d'inhito tiver, Fará tudo o que quizer.

Numa das torres do Castelo de Sabugal — aquela onde hoje se vê o relógio — esteve preso por intrigas políticas o poeta Brás Garcia de Mascarenhas (1596-1656). A propósito de Brás Garcia e da sua vida aventureira, leiam os mais velhos dos nossos amigos um curioso romance de Camilo: «Luta de Gigantes».

Foi nesta vila que, em 1224, o nosso D. Sancho II e o rei D. Fernando III de Castela assinaram pazes.

Aqui, em 1328 depois de ajustado o casamento da infanta D. Maria, filha de D. Afonso IV com o rei Afonso XI de Castela, esteve a noiva com a sua comitiva para receber D. Leonor, irmã do rei castelhano.

(Continua na página 11)





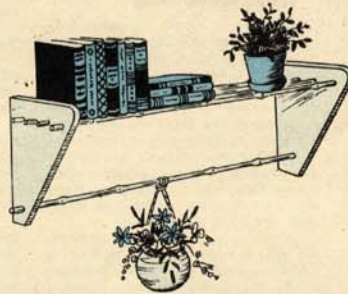
# Passatempos



## por artes mágicas



## UMA ENGENHOCA



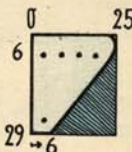
### UMA PRATELEIRA PARA OS LIVROS

Para os livros ou para quaisquer outros objectos, não muito pesados. Ficará muito bem no quarto de um rapaz ou de uma rapariga, dará pouco trabalho a fazer e... — argumento convincente — o material a empregar não custará caro. Esse material reduz-se a uma tábua de madeira rija e algumas canas de bambu ou, na falta delas, simples varinhas de madeira.

Os lados da prateleira serão recortados na madeira, segundo as medidas que o nosso desenho indica. Neles se abrem os cinco orifícios (quatro em cima e um em baixo). Os bambus ou varas que entram por esses orifícios devem ficar bem firmes — isto é, não girarem dentro do orifício — e ultrapassar a placa de 2 a 3 cm. Para maior segurança, serão fixados com uns pingos de cola ou de grude.

O conjunto pode ser envernizado, envernizado ou, ainda pintado a esmalte, de cor alegre. Se as varinhas forem de bambu, estas ficarão na sua cor natural. Se forem de madeira, serão pintadas, envernizadas ou invernizadas como as partes laterais. Dois aros de metal fixados lateralmente permitirão que a prateleira seja suspensa na parede.

Depois é só colocar-lhe em cima os objectos escolhidos e teremos mais um motivo de decoração para o nosso quarto.

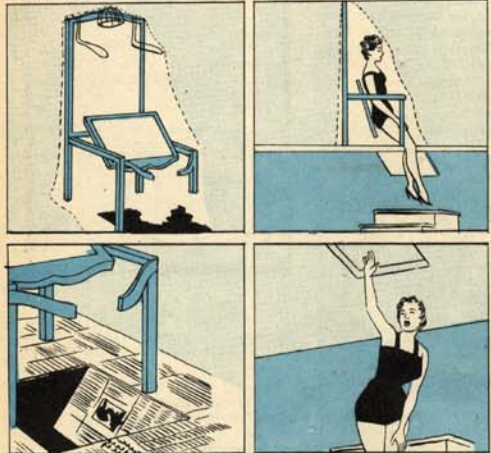


## A MULHER QUE DESAPARECE

É possível que muitos dos que nos lêem tenham já assistido a este número, «clássico» em espectáculos de ilusionismo. Vamos explicar-lhes como ele se realiza, como se puxam os cordelinhos, como ele é no palco e nos bastidores.

O ilusionista entra no palco acompanhado pela sua gentil ajudante a quem ordena que se sente numa cadeira, depois do que declara ao respeitável público:

— Minhas senhoras e meus senhores, Miss X vai desaparecer a vossos olhos!



Imediatamente, com aqueles gestos a um tempo rápidos e majestosos de que os ilusionistas têm o segredo, tapa a figurante com um pesado pano de veludo, depois do que ergue os braços e começa a pronunciar uma série de palavras misteriosas. Entretanto, os espectadores vêem, nitidamente, por baixo do pano de veludo, os contornos do corpo da rapariga.

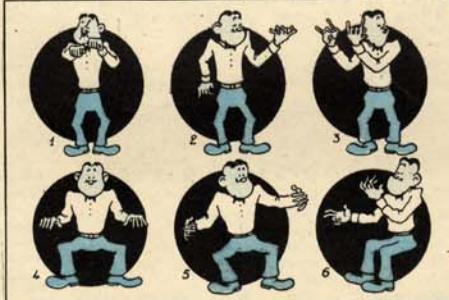
De repente, quase sem transição, o ilusionista puxa o manto que tapava a sua ajudante e... toda a plateia verifica, pasmada, que a jovem desapareceu.

Como foi isso? Mais simplesmente do que se julga... Assim que o pano cobre a figurante, o fundo da cadeira desce, ao mesmo tempo que no chão do palco se abre um alçapão. E a rapariga passa sem ruído para o andar inferior.

Mas — dirão — os espectadores continuaram a ver o seu vulto sob o pano. Como? É que a cadeira, fabricada especialmente para o fim a que se destina, além de se abrir como podemos ver no desenho, tem ainda dois dispositivos que figuram o contorno dos braços e da cabeça de uma pessoa e que só funcionam quando a rapariga desce pelo alçapão.

Alguns ilusionistas colocam a cadeira sobre um jornal, para provar que não há truque. E, de facto, isso seria uma garantia... se o próprio jornal não tivesse também o seu alçapão...

## O HOMEM DOS SEIS INSTRUMENTOS



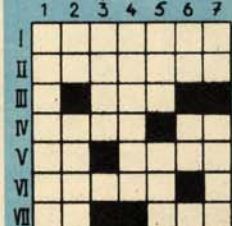
Autêntico génio musical, este cavalheiro toca seis instrumentos na perfeição. Se os nossos amigos não são de todo leigos no assunto, talvez possam dizer-nos — examinando as atitudes quais os instrumentos que o nosso homem toca.

**SOLUÇÃO**  
1. Piano. 2. Violino. 3. Flauta. 4. Piano. 5. Acordeão. 6. Harpa.

## SÓ PARA VOCÊS (CONFIDENCIAL)

TEUS a GG -E+O  
bus UU -B  
D Gogra VENDE A CRÉDITO FECHEM i  
V AGORA m -M+S ZZ  
D dizr 100 -C MAIS  
de 3 nu -PA em Q  
de PARTE a ci -O+E  
-B+AO sa A  
EEcuta -DO -  
posta .  
π CHF

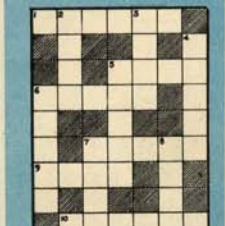
## MOTS CROISÉS



**HORIZONTAIS:**  
I — Carneiros  
II — Abrigada  
III — Nascida  
IV — Caro — Vogais  
V — Vogais — Cem  
VI — Amieiros  
VII — Nota de música — Chá

**VERTICAIS:**  
1 — General da Rev. Francesa  
2 — Rio da Rússia — Alto  
3 — Urna  
4 — Terceiro  
5 — Tira — Este  
6 — Negação — Ano  
7 — P. pessoal — Lar

## CROSSWORDS



**HORIZONTAIS:**  
1 — Banana  
5 — Buraco  
6 — Limão  
7 — Sementes  
9 — Varão  
10 — Trevo

**VERTICAIS:**  
2 — Dança (sem D)  
3 — Meio-dia  
4 — Ursos  
5 — Hotel  
6 — Camião  
7 — Soleira  
8 — Cúpula

Os selos querem-se limpos, bem carimbados, frescos, direitos e não coxos, de forma a terem, nos albus, que andar de muletas.

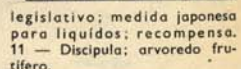


Emitted a 6 de Abril de 1961. Selo de homenagem ao Fundo Monetário Internacional, agência especializada da O. N. U. com sede em Washington.

## A PROCURA DE UMA PALAVRA

Horizontalis: 1 — Que corre ao longo de; encantadora. 2 — Nome com que os alquimistas designavam o carbonato de chumbo; doçura. 3 — Meter pólvora e projecteis em; género de palmeira do Brasil. 4 — Campo; agravam com tributos. 5 — Magnetes naturais; lenda escandinava. 6 — Ponta de terra que entra pelo mar; suco das cápsulas de diversas espécies de papoilas e que serve de narcótico. 7 — Jogo de azar; terra portuguesa. 8 — Levantar; cinza. 9 — Pronome pessoal; sacrificaram. 10 — Planta labiada; remador da guia, que vai atrás dos outros. 11 — Oportunidade (fig.); afastar para o mar largo.

Verticalis: 1 — Fruto empregado no fabrico do chocolate; língua dos antigos romanos. 2 — Canoa de uma só peça, sem quilha nem bojo, usada no Brasil (pl); cobalto (symb. quim.); bago. 3 — Brincar; embarcação com dois mastros e vela latina; Donaire. 4 — X... 5 — Ando; ave pernaltica. 6 — Nome de letra (pl); parente. 7 — A nossa casa; do feito do ovo. 8 — Exalava. 9 — Preposição; milho graúdo; grande porção; 10 — Preceito que deriva do poder legislativo; medida japonesa para líquidos; recompensa. 11 — Discipula; arvoredor frutífero.



**SOLUÇÃO do número anterior**

1	S	E	R	P	A	P	I	N	T	O
2	a	m	e	l	i	a	r	e	a	l
3	g	i	z	r	i	a	u	r	a	
4	a	r	a	d	o	r	u	m	o	
5	r	a	s	o	f	a	e			
6	a	m	a	r	i	a				
7	a	r	e	a	a	r	n	i	c	a
8	v	a	l	e	a	m	o	r	a	s
9	i	v	a	i	m	a	a	t	a	
10	s	a	l	d	a	s	a	r	a	r
11	a	s	s	o	s	b	r	a	s	a



## ATENÇÃO AO DESENHO!

Observem cuidadosamente este desenho, e depois, voltando a página, procurem reproduzi-lo de cor. Não é tão fácil como julgam, porque os lápis devem manter-se na mesma posição.

Podem mesmo organizar um pequeno concurso entre um grupo de amigos, tendo como objectivo a fiel reprodução do modelo.

**SOLUÇÃO**

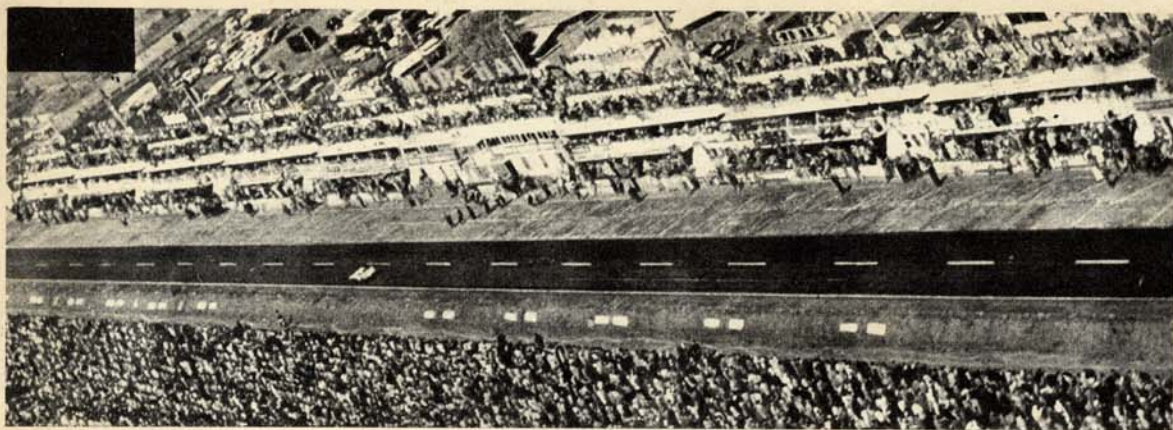
Qualquer de vocês pode facilmente fixar a posição dos lápis examinando o pequeno desenho da direita. Primeiro fazem-se 3 traços que se vão encontrar no meio, em seguida outros três traços (paralelos, conforme o traçado a, b e c). Temos assim o centro do desenho e bastará então prolongar os traços, para obter o que se deseja.



— Onde pus eu o meu lápis, D. Luísa?  
— Está atrás da sua orelha, sr. Director.  
— Por Deus, não me faça perder tempo! Atrás da orelha esquerda ou da direita?

**SOLUÇÃO**

S	H	L	T	P	A					
R	E	N	S	A	P	A				
A	A	E	C	E	A					
A	V	A	C	H	E	R	A			
A	V	A	N	E	E					
L	E	M	O	N	E					
S	E	S	O	S						
R	A	T	O							
A	V	A								
B	A	N	A	N	A					



Era em 1922, no Salão Automóvel de Paris. Três homens estavam reunidos em viva e amigável discussão: os três homens eram Georges Durand, animador do Automóvel Clube do Oeste, Emile Coquille, director das fábricas Rudge, e Charles Faroux, o mais clarividente jornalista do automobilismo. E da sua animada troca de impressões brotou a ideia de criar uma corrida internacional de resistência capaz de pôr à prova, ao mesmo tempo, os carros, os pilotos e as estradas.

# A 300 À HORA NO CIRCUITO DE LE MANS

## UMA ORGANIZAÇÃO MONSTRO

Georges Durand pensava nas estradas, pois fora o seu Clube de Le Mans, capital de automóvel — onde em 1873 Léon Bollée construiu a famosa «Obéssante» movida a vapor — tinha organizado todas as primeiras grandes corridas automobilísticas. Em 1906 o primeiro Grande Prémio do Automóvel Clube de França era disputado num circuito de estrada de 103,180 quilómetros de extensão, percurso que era preciso cobrir 12 vezes e fora ganho por Sizus num Renault, à fantástica média de 102 quilómetros à hora! Nos Grandes Prémios de França de 1911 e 1913 reduziu-se o circuito a 54 quilómetros, depois em 1921 a 17,262. Finalmente, em 1932, o circuito de la Sarthe ficou com a sua extensão definitiva, que ainda hoje vigora: 13,492 quilómetros.

Naturalmente, o maior circuito de resistência do mundo inteiro exige uma imensa e minuciosa organização. Aliás, nos últimos dois anos, o regulamento tem uma tendência nítida para mostrar ao público, não monstros, mas carros de grande turismo que se batem em duelo com os carros de desporto.

A linha de chegada que fica em frente do posto de cronometragem é, durante as 24 horas, o local mais fechado, mais inacessível do circuito. Não nos admiramos! O menor erro prejudicaria a prova, falsificaria-a. Duas equipas de nove cronometristas trabalham sucessivamente no mais religioso silêncio, apenas perturbado a cada passagem dos concorrentes pela voz do «aboyeur», o funcionário encarregado de dar o número dos carros que correm a linha. Durante as 24 horas, os cronometristas inscrevem nos seus quadros de pontuação 80 000 a 100 000 algarismos e registam mais de 10 000 tempos de passagem.

## O CORAÇÃO DA CORRIDA

Os «stands» de reabastecimento são, por assim dizer, o coração da corrida. O pavilhão dos directores é o cérebro, sendo o seu acesso rigorosamente interdito. Lá dentro, o telefone é soberano e senhor, pois director e comissários devem ser avisados sem demora do menor incidente ou acidente.

Mais de 100 quilómetros de fios telefónicos, partindo de 27 postos assegurados por 155 comissários, estão ligados ao pavilhão dos directores. Esses comissários dispõem de um sistema de sinalização por meio de bandeiras, cujo significado os nossos leitores encontram na pág. 12.

Quanto às tribunas de reabastecimento, se os balcões estão reservados ao público, sempre numeroso, o andar superior é o domínio do mundo do automóvel que ali instala os seus serviços de recepção, os seus bares, etc. enquanto em baixo ficam os «stands» de reabastecimento propriamente ditos. Aí, além dos pilotos, dos cronometristas privativos de cada concorrente, dos reabastecedores, 133 comissários de «stand» e 53 verificadores, velam por toda a complicada engrenagem, fazendo o possível por que o regulamento seja estritamente aplicado. Trabalho nada fácil, podem crer! Por vezes, mesmo, é preciso desmascarar as astúcias dos mecânicos, que procuram ajudar os seus pilotos.

Deixamos agora à pista para passarmos em frente do «Welcome», o luxuoso restaurante onde os dirigentes do Automóvel Clube do Oeste recebem os seus convidados. À nossa direita fica a «aldeia», aliás, uma cidade de 50 000 habitantes, com os seus restaurantes, os seus bares, «stands» de exposição, bailes, etc., sem esquecer a nova pista na qual podemos ver rodar modelos reduzidos.

## SEGURANÇA EM PRIMEIRO LUGAR

Passada a grande curva das tribunas, antramos nos «SS» que precedem a curva do Terre Rouge. «SS» muito espectaculares nas primeiras voltas, quando dezenas de bólides ali chegam em grupo.

À direita a feira está no auge e, mais adiante, a pequenina capela cheia de penumbra e de frescura espera os fieis... Por todo a parte, polícia e agentes de trânsito. E, já que falamos de segurança, assinalamos também: 10 veículos de socorro contra incêndios, 52 médicos e 200 enfermeiros repartidos por 15 postos de socorro fixos e móveis, 21 ambulâncias e... um helicóptero de vigilância.

A curva do Terre Rouge é também muito espectacular. É possível ver dali os pilotos abrandarem a velocidade e fazerem esse ângulo recto. Não se passa uma prova sem que os concorrentes vão cair sobre um monte de areia que fica à saída. Memorável, por exemplo, foi o caso de um digno inglês que tinha levado uma pá e esteve três horas a ver se podia desenterrar o carro: por fim, esgotado, conseguiu pô-lo na pista. Por pouco tempo, infelizmente! Um outro concorrente despedido atirou de novo com o pobre carro para cima da areia: «Definitivamente desta vez!»

Depois dessa curva, vêm as Hunaudières, a longa recta onde se corre a 300 à hora, e onde o menor golpe de vento, o mais pequeno engano podem ser fatais e onde os pilotos dos carros pequenos têm que ter o olhar fixo no retrovisor para vigiarem os bólides que parecem voar mas que, paradoxo, não rodarão mais depressa no fim da prova, em Mulsanne. É ali que se vêem

os bons pilotos e que se conhecem os «perigos públicos»...

A meio das Hunaudières, o piloto do bólido deitou uma olhadela para o campo das corridas onde Wilbur Whright efectuou os seus primeiros voos na Europa e estabeleceu, em 1908, os seus primeiros recordes mundo.

Passamos Mulsanne, à direita, onde encontramos os nossos amigos da sinalização à nossa espera para nos indicarem a nossa posição e nos transmitirem as indicações do chefe do «stand»: «Mais depressa», «Reabastecimento de gasolina daqui a três voltas», «Atenção, o Aston Martin n.º 8 está a ganhar-lhe três segundos em cada volta», etc.

Vêm em seguida os «SS» de Arnage, a descida para Maison-Blanche, sempre perigosa porque se segue a grande velocidade. Depois aparece a recta das tribunas, com a sua extensa linha de desacerção, que deve ser tomada obrigatoriamente logo no princípio, isto é, muito antes dos stands.

Neste circuito defrontam-se, em geral, os pilotos de mais de 50 carros apresentados por vários construtores e várias nações. No ano passado 13 equipas americanas se apresentaram pela primeira vez no Mans, onde 4 Chevrolet Corvette se mediram com os Ferraris. Maserati fez a sua reaparição com um «Terrifico», pilotado por Shelby, vencedor de 1959, e Ward, que foi o primeiro em Indianápolis. Os ingleses apareceram em toda a força com os seus Jaguar, Aston-Martin, Cooper, Lotus, Triumph A. C., M. G., etc.

Este ano, como nos anteriores, carros e pilotos de todos os países acorrerão à grande prova. Esperemos que um dia um piloto português fará ouvir o hino nacional perante 300 000 pessoas que terão vibrado de emoção na maior corrida de resistência do mundo.

## VIAGENS EM PORTUGAL

(Continuação da página 1)

E reza ainda a tradição que caçar o bom D. Dinis. Mas as planícies do Sabugal foram teatro de cenas bem mais violentas, quando em Abril de 1811 as tropas portuguesas atacaram os soldados de Napoleão. Massena e os seus 30 000 homens levaram do Sabugal tão más recordações, que no dia seguinte ao da batalha procuravam refúgio em Espanha.

Mas tudo isso pertence ao passado e o Sabugal, como todas as terras que querem progredir, cuida agora do presente e do futuro. A agricultura é a sua grande fonte de riqueza. As pequenas indústrias que temos observado na nossa visita são todas de tipo rural ou doméstico. Que bons queijos aqui se fabricam! E que rico mel dão as abelhas da região! Depois, o rio — o Coa — com as suas saborosas trutas, as matas cheias de caça — até javalis! — e os pomares carregadinhos de fruta! Não, decididamente o povo do Sabugal não tem que recear a fome! Se o seu concelho é em todo o país o de maior produção de batata!

Não admira pois que numa terra fértil como esta todas as festas familiares sejam coroadas por fantagruélicos jantares... Puderam!

Venham até cá os que ainda não conhecem o Sabugal. O clima é duro sim, — nem tudo pode ser perfeito... Mas a terra é linda e a gente hospitaleira.

Sabugal, terra de sabugueiros. Por isso as suas armas são um castelo, com as suas chaves e duas árvores: dois sabugueiros que à vila deram o nome.

**APRENDA RADIO TELEVISÃO**

PELO NOSSO CURSO TÉCNICO PRÁTICO POR CORRESPONDÊNCIA ECONOMIAMENTE E EM POUCO TEMPO

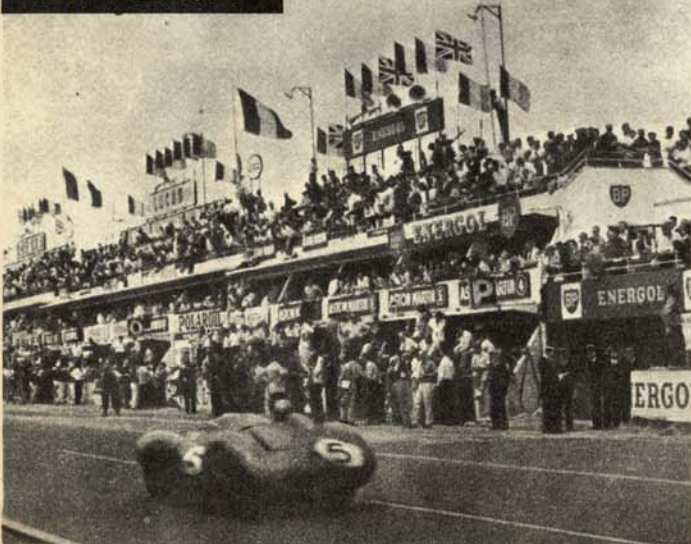
TODO O MATERIAL QUE AQUI PORTAMOS SER-LHE-Á ENVIADO

PEÇA O FOLHETO GRÁTIS E CURTIDO ÀS MAIS ARTES ESCOLA DO GÉNERO NO PAÍS E RECONHECIDO LEGALMENTE

**RADIO ESCOLA**

Director **Álvaro Torrado**  
Aparado 81 - N. R. Fernando Lopez, 8 - LISBOA  
Telef. 43136

## DE DIA...



## ...COMO DE NOITE



## O PETRÓLEO

(Continuação da página 5)

panhado de uns prospectos que diziam: «Um óleo milagroso extraído das entranhas da terra! Com ele os coxos poderão andar bem e os cegos poderão ver».

É inegável que foi Drake o primeiro a fazer brotar o petróleo do mais profundo da terra. No entanto, Samuel Kier mereceu o nome de «pai da indústria petrolífera», não por causa do seu remédio, mas graças à descoberta de um processo de destilação que do petróleo em bruto extraía o petróleo próprio para a iluminação.

E assim dois homens fizeram nome e fortuna graças a esse líquido de cheiro pouco convidativo que continua a ser o pomo de ouro pelo qual se batem as grandes nações do nosso planeta...

# AS 24 HORAS DE LE MANS

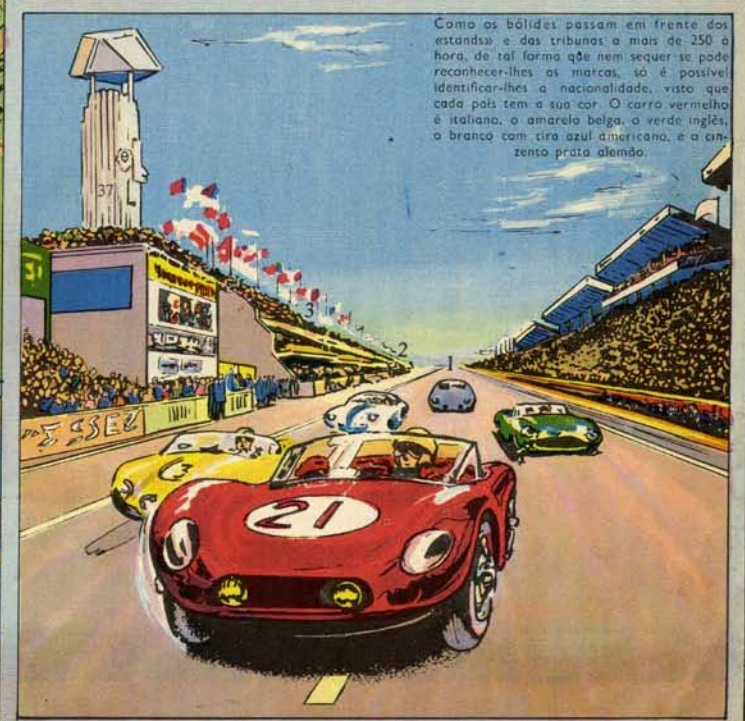
- I Partida
- II Conservar-se na direita
- III Deixe-se ultrapassar
- IV Atenção! Perigo!
- V Grande perigo; prepare-se para parar conservando a sua posição
- VI Óleo na pista
- VII Ambulância na pista
- VIII Paragem imediata do carro com este número
- IX Chegada
- X Paragem imediata da corrida.



A partida tipo «Le Mans», tão emocionante como espectacular. Cinco minutos antes dos 16 horas de sábado, os pilotos saem do seu «stand» e atravessam a pista para aguardar a hora da partida, em frente dos seus carros, com os dois pés assentes num pequeno círculo. «5»... «4»... «3»... «2»... «1»... Partam! De um pulo precipitam-se então para o volante e arrancam velozmente para começar a ronda infernal.



- O CIRCUITO DE LE MANS
- |                                                                                |                                         |
|--------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------|
| 1 Partida e chegada                                                            | 22 Restaurante                          |
| 2 Posto de cronometragem                                                       | 23 Enfermaria pública                   |
| 3 Stands de reabastecimento. Direcção da corrida, tribunas de reabastecimento. | 24 Aeródromo                            |
| 4 Pavilhão do Welcome                                                          | 25 Passagem para a público              |
| 5 Pista de modelos reduzidos                                                   | 26 Capela                               |
| 6 Self-Service                                                                 | 27 Recinto público, feira               |
| 7 Parque de campismo                                                           | 28 Montes de areia                      |
| 8 Parque verde                                                                 | 29 Recta de Hunaudières                 |
| 9 Parque azul                                                                  | 30 Hipódromo                            |
| 10 Parque vermelho                                                             | 31 Recinto popular                      |
| 11 Aldeia «Les Floralies»                                                      | 32 Tribuna                              |
| 12 Entrada principal                                                           | 33 Sinalização dos concorrentes         |
| 13 Bancadas                                                                    | 34 Parque                               |
| 14 Tribuna Wimille                                                             | 35 Saída de emergência                  |
| 15 Tribuna da imprensa                                                         | 36 Público                              |
| 16 Tribuna Durand                                                              | 37 Nova torre de anúncios               |
| 17 Tribuna Benoist                                                             | 38 Helicóptero de vigilância e socorro. |
| 18 Tribuna Sommer                                                              |                                         |
| 19 Subterrâneo público                                                         |                                         |
| 20 Parque reservado                                                            |                                         |
| 21 Subterrâneo para carros                                                     |                                         |



Como os bólides passam em frente dos «stands» e das tribunas a mais de 250 a hora, de tal forma que nem sequer se pode reconhecer-lhes as marcas, só é possível identificar-lhes a nacionalidade, visto que cada país tem a sua cor. O carro vermelho é italiano, o amarelo belga, o verde inglês, o branco com tira azul americano, e o cinzento prata alemão.